

## **A PRESENÇA FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO 2015**

Em 2015, a taxa de participação das mulheres no mercado de trabalho na Região Metropolitana de São Paulo aumentou ligeiramente (de 55,1% para 55,4%), após estabilidade observada no ano anterior. Mesmo comportamento foi registrado para os homens, cuja taxa passou de 70,5% para 70,8%.

A taxa de desemprego feminina cresceu, pelo segundo ano consecutivo, após longa trajetória de declínio iniciada em 2004, ao passar de 12,2% para 14,3%, entre 2014 e 2015. Ainda assim, é uma das mais baixas da série, iniciada em 1985. Entre os homens o acréscimo foi mais intenso (de 9,6% para 12,2%).

Para mulheres e homens o aumento do desemprego refletiu a expansão da força de trabalho que passou a fazer parte do mercado de trabalho da RMSP concomitante à retração do nível de ocupação, que foi mais intensa entre os homens.

O comportamento da ocupação para as mulheres deveu-se ao desempenho negativo na Indústria e nos Serviços, concomitante ao aumento no Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas e na Construção. Já entre os homens, registrou-se retração em praticamente todos os setores de atividade econômica analisados, com exceção dos Serviços, que teve ligeiro aumento.

A formalização das relações de trabalho assalariado manteve-se praticamente estável para as mulheres e diminuiu para os homens.

O rendimento médio real por hora das mulheres diminuiu, interrompendo crescimento registrado nos últimos seis anos, passando a equivaler a R\$ 10,25, em 2015. Para os homens a retração foi mais intensa, passando a corresponder a R\$ 12,20.

Essa variação diferenciada dos rendimentos por hora entre os sexos, já observada no ano anterior, quando as mulheres recebiam 81,5% do valor auferido pelos homens, elevou a proporção para inéditos 84,0%, em 2015.

## MERCADO DE TRABALHO

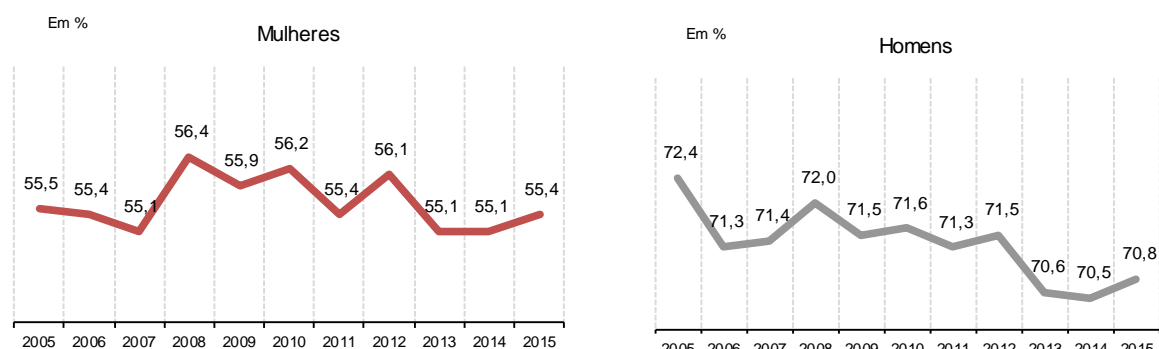
### Taxa de participação feminina cresce ligeiramente

A proporção de mulheres com dez anos ou mais de idade inseridas no mercado de trabalho, na situação de ocupadas ou de desempregadas – taxa de participação feminina –, aumentou ligeiramente de 55,1% para 55,4%, entre 2014 e 2015 (Gráfico 1). Esse indicador, que apresentou crescimento importante principalmente a partir da década de 1990, vem mantendo-se nesse patamar nos últimos 12 anos.

Entre os homens, cuja taxa vem declinando lentamente há décadas, verificou-se também ligeiro crescimento entre 2014 e 2015 (passou de 70,5% para 70,8%), alcançando o terceiro menor patamar da série da pesquisa, iniciada em 1985.

O comportamento da taxa de participação das mulheres foi diversificado, segundo atributos pessoais, observando-se aumentos entre as mulheres de 40 a 49 anos e de 50 a 59 anos, entre as filhas e negras. Retrações ocorreram, principalmente, entre jovens e adolescentes de 16 a 24 anos, chefes e não-negras.

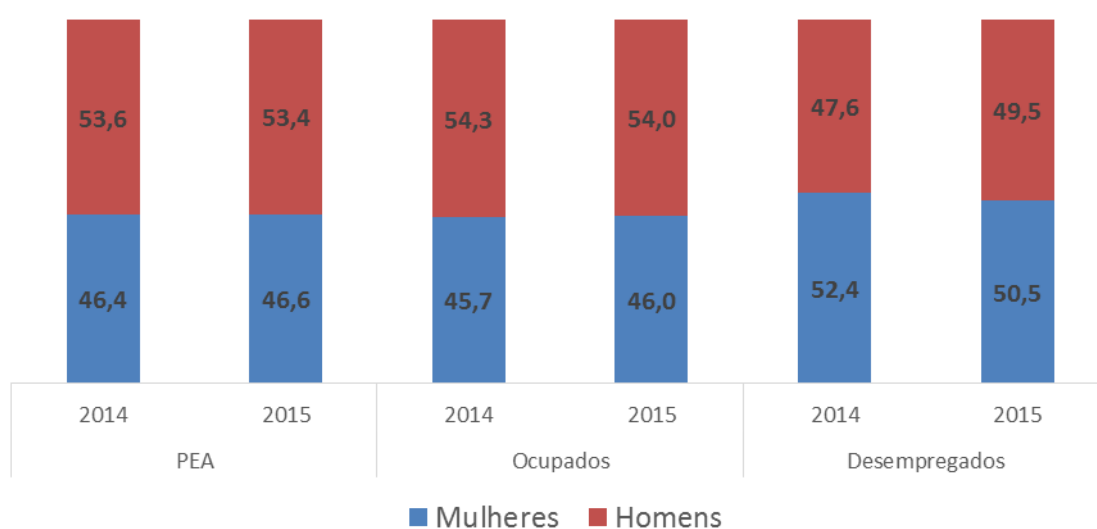
**GRÁFICO 1**  
**Taxas de participação, por sexo**  
**Região Metropolitana de São Paulo – 2005-2015**



Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego ( PED)

A proporção feminina no total da População Economicamente Ativa – PEA pouco se alterou, sendo que a parcela de mulheres permanece a menor entre o total de ocupados da RMSP (46,0%) e, ligeiramente, a maior entre os desempregados (50,5%), como mostra o Gráfico 2. Ainda assim, em 2015, a proporção de mulheres no total de ocupados é a maior da série e a de desempregadas a menor desde 2000.

**GRÁFICO 2**  
**Distribuição da População Economicamente Ativa – PEA, dos ocupados e**  
**desempregados, por sexo**  
**Região Metropolitana de São Paulo – 2014-2015**



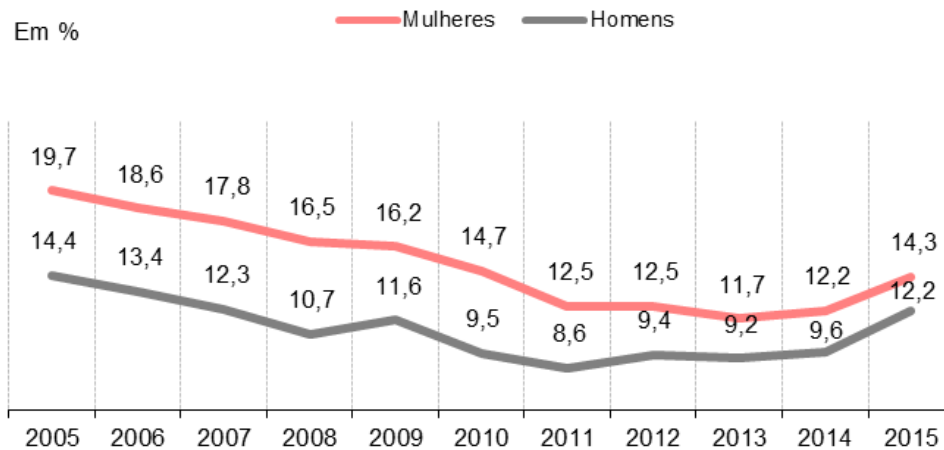
Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED)

### Taxa de desemprego cresce em menor intensidade para as mulheres

A taxa de desemprego total feminina aumentou pelo segundo ano consecutivo, passando de 12,2% para 14,3%, entre 2014 e 2015 (Gráfico 3), movimento menos intenso do que ocorreu entre os homens, cuja taxa passou de 9,6% para 12,2%.

Embora historicamente a taxa de desemprego feminina seja superior à masculina, nota-se um lento movimento de aproximação dessas taxas, ainda que as diferenças permaneçam grandes. Em 1998, esse indicador para as mulheres era 5,0 pontos percentuais superior ao dos homens, passando para 2,1 p.p., em 2015.

**GRÁFICO 3**  
**Taxas de desemprego total, por sexo**  
**Região Metropolitana de São Paulo – 2005-2015**



Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED)

As mulheres apresentam, historicamente, as maiores taxas de desemprego total e de desemprego aberto. Entretanto, ao observar a taxa de desemprego oculto, constata-se que vem registrando menores taxas nos últimos três anos.

Por posição na família, apesar de menos intenso do que o dos homens, vale destacar o aumento registrado na taxa de desemprego entre as mulheres chefes de família, que têm a peculiaridade de viverem, geralmente, apenas com seus filhos e, na maioria das vezes, como únicas responsáveis pela sobrevivência familiar.<sup>1</sup>

Em resumo, na última década, a redução da taxa de desemprego total esteve associada ao crescimento econômico e ao aumento do nível de ocupação, movimentos que favoreceram particularmente as mulheres, mas que também refletiram as transformações nas relações familiares, em que o modelo de família baseado no chefe masculino provedor vem-se alterando paulatinamente e criando novas dinâmicas nas relações dos membros da família com o mundo do trabalho. Além disso, têm-se o aumento da capacitação das mulheres, que permite melhor inserção no mundo do

<sup>1</sup> Ver: Arranjo familiar e inserção feminina no mercado de trabalho da RMSP na década de 90. *Boletim Mulher & Trabalho*, n. 10 dezembro 2002 e A inserção de chefes e cônjuges no mercado de trabalho, Estudo Especial, março 2009. Disponível em <www.seade.gov.br>.

trabalho, e o crescimento da sua escolaridade. Na atual conjuntura, os efeitos do baixo crescimento econômico têm sido menos perversos entre as mulheres, ao considerar o aumento menos intenso de sua taxa de desemprego, se comparada à dos homens.

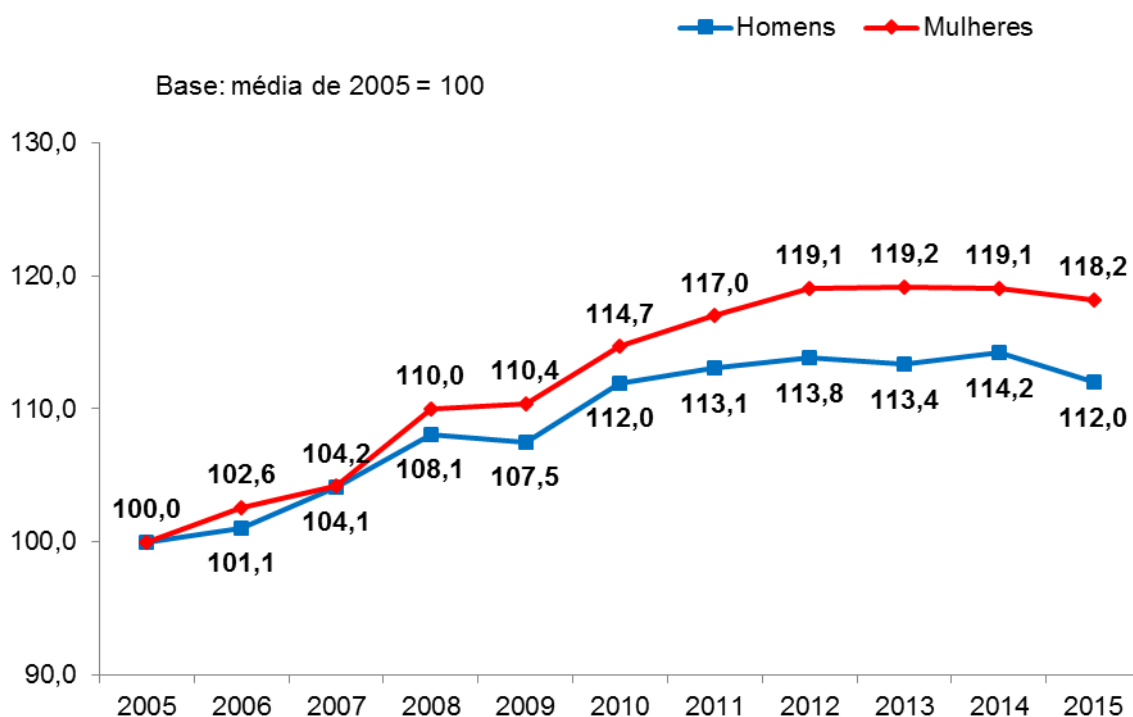
O tempo médio despendido pelos desempregados na procura de trabalho, em 2015, aumentou em duas semanas tanto para as mulheres (passando para 28 semanas) como para os homens (27 semanas).

### Nível de ocupação feminina diminui e a formalização se mantém praticamente estável

Em 2015, o nível de ocupação diminuiu para mulheres (-0,8%, ou eliminação de 33 mil ocupações) de forma menos intensa do que para os homens (-1,9%, ou menos 104 mil postos de trabalho) (Tabela 1 e Gráfico 4).

A retração mais acentuada do nível de ocupação entre os homens, fez com que a proporção de mulheres no total de ocupados passasse de 45,7%, em 2014, para 46,0%, em 2015, registrando a maior proporção de ocupadas desde o início da pesquisa, em 1985.

**GRÁFICO 4**  
Índices do nível de ocupação, por sexo  
Região Metropolitana de São Paulo – 2005-2015



Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED)

O comportamento do nível de ocupação das mulheres refletiu os decréscimos registrados na Indústria de Transformação (-6,3%) e Serviços (-1,6%), não compensados pelos acréscimos na Construção (11,0%) e Comércio; Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas (7,0%).

No setor de Serviços, que emprega 70,3% do total das mulheres ocupadas (Tabela 2), praticamente todos os ramos analisados apresentaram retração, com exceção de Alojamento e alimentação; outras atividades de serviços; artes, cultura, esporte e recreação que aumentou 7,0%. O subsetor de serviços domésticos, importante empregador de mão de obra feminina, apresentou redução de -5,1% (Tabela 1).

Entre os homens, a retração do nível de ocupação deveu-se aos decréscimos na Construção (-7,9%), Indústria (-4,4%) e Comércio; Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas (-1,4%), parcialmente compensados pelo pequeno aumento dos Serviços (1,0%), principalmente na Administração pública, defesa e seguridade social; educação, saúde humana e serviços sociais (6,3%).

**TABELA 1**  
**Variação do nível de ocupação, por sexo, segundo setores de atividade econômica**  
**Região Metropolitana de São Paulo – 2014/2015**

Setores de atividade	Em porcentagem	
	Mulheres	Homens
<b>TOTAL</b>	-0,8	-1,9
Indústria de Transformação (1)	-6,3	-4,4
Construção (2)	11,1	-7,9
Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas (3)	7,0	-1,4
Serviços (4)	-1,6	1,0
Transporte, armazenagem e Correio (5)	-8,6	2,0
Informação e comunicação; atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; atividades profissionais, científicas e técnicas (6)	-6,5	-0,9
Atividades administrativas e serviços complementares (7)	-0,8	-1,8
Administração pública, defesa e seguridade social; educação, saúde humana e serviços sociais (8)	-1,6	6,3
Alojamento e alimentação; outras atividades de serviços; artes, cultura, esporte e recreação (9)	7,0	1,4
Serviços domésticos (10)	-5,1	-
Outros (11)	1,0	-12,8

Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED)

Nota: (1) Seção C da CNAE 2.0 domiciliar

(2) Seção F da CNAE 2.0 domiciliar

(3) Seção G da CNAE 2.0 domiciliar

(4) Incluem Atividades Imobiliárias (Seção L da CNAE 2.0 domiciliar)

(5) Seção H da CNAE 2.0 domiciliar

(6) Seções J, K, M da CNAE 2.0 domiciliar

(7) Seção N da CNAE 2.0 domiciliar

(8) Seções O, P, Q da CNAE 2.0 domiciliar

(9) Seções I, S, R da CNAE 2.0 domiciliar

(10) Seção T da CNAE 2.0 domiciliar

(11) Inclui Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca e Aquicultura (Seção A); Indústrias Extrativas (Seção B); Eletricidade e Gás (Seção D); Água, Esgoto, Atividades de Gestão de Resíduos e Descontaminação (Seção E); Organismos Internacionais e Outras Instituições Extraterritoriais (Seção U); Atividades Mal Definidas (Seção V). As seções mencionadas referem-se à CNAE 2.0 domiciliar

Com esses movimentos, no total de mulheres ocupadas, a Indústria registrou sua menor proporção desde 2011 (11,7%), quando a pesquisa adotou a Classificação Nacional de Atividade Econômica – CNAE 2.0 Domiciliar (Tabela 2). Entre 2014 e 2015, praticamente não se modificou a parcela da Construção no total de mulheres ocupadas (de 0,8% para 0,9%), aumentou a proporção do Comércio; Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas (de 15,3% para 16,5%) e diminuiu ligeiramente a dos Serviços (de 70,9% para 70,3%).

**Tabela 2**  
**Distribuição dos ocupados, por sexo, segundo setores de atividade econômica**  
**Região Metropolitana de São Paulo – 2014-2015**

Setores de atividade	Em porcentagem			
	Mulheres		Homens	
	2014	2015	2014	2015
<b>TOTAL</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Indústria de Transformação (1)	12,4	11,7	20,1	19,6
Construção (2)	0,8	0,9	13,2	12,4
Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas (3)	15,3	16,5	18,8	18,9
Serviços (4)	70,9	70,3	46,1	47,5
Transporte, armazenagem e Correio (5)	2,6	2,4	10,2	10,6
Informação e comunicação; atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; atividades profissionais, científicas e técnicas (6)	10,4	9,8	10,0	10,1
Atividades administrativas e serviços complementares (7)	8,4	8,4	8,2	8,2
Administração pública, defesa e seguridade social; educação, saúde humana e serviços sociais (8)	22,0	21,8	7,2	7,8
Alojamento e alimentação; outras atividades de serviços; artes, cultura, esporte e recreação (9)	12,9	13,9	9,2	9,5
Serviços domésticos (10)	13,7	13,1	0,4	-
Outros (11)	0,6	0,6	1,8	1,6

Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED)

Nota: (1) Seção C da CNAE 2.0 domiciliar

(2) Seção F da CNAE 2.0 domiciliar

(3) Seção G da CNAE 2.0 domiciliar

(4) Incluem Atividades Imobiliárias (Seção L da CNAE 2.0 domiciliar).

(5) Seção H da CNAE 2.0 domiciliar

(6) Seções J, K, M da CNAE 2.0 domiciliar

(7) Seção N da CNAE 2.0 domiciliar

(8) Seções O, P, Q da CNAE 2.0 domiciliar

(9) Seções I, S, R da CNAE 2.0 domiciliar

(10) Seção T da CNAE 2.0 domiciliar

(11) Inclui Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca e Aquicultura (Seção A); Indústrias Extrativas (Seção B); Eletricidade e Gás (Seção D); Água, Esgoto, Atividades de Gestão de Resíduos e Descontaminação (Seção E); Organismos Internacionais e Outras Instituições Extraterritoriais (Seção U); Atividades Mal Definidas (Seção V). As seções mencionadas referem-se à CNAE 2.0 domiciliar

As mulheres ocupadas estão inseridas, principalmente, nos Serviços, com destaque para as áreas de saúde, educação, serviços sociais, serviços domésticos, etc. O Comércio vem em seguida, acompanhado pela Indústria e, por último, a Construção.

Os serviços domésticos, que vêm perdendo importância na absorção da mão de obra feminina na última década, respondiam, em 2015, por 13,1% da ocupação das mulheres. Em 1998, esse contingente correspondia a 19,3% do total de mulheres ocupadas.

Sob a ótica do tipo de vínculo estabelecido com o trabalho (Tabela 3), merece destaque o comportamento verificado nas ocupações mais protegidas pela legislação trabalhista, onde as mulheres apresentaram variação positiva entre as assalariadas do setor privado com carteira de trabalho assinada (0,4%) e diminuição daquelas que exerciam suas



atividades no setor público (-2,7%). Já entre as formas de vínculos mais precários, houve decréscimo do assalariamento no setor privado sem carteira (-7,9%), seguido pelo emprego doméstico (-5,1%), principalmente das mensalistas, e aumento do trabalho autônomo (7,9%).

Entre os homens, diminuiu o assalariamento no setor privado com carteira assinada e, mais intensamente, o sem carteira. O setor público registrou aumento e o trabalho autônomo retração.

**TABELA 3**  
**Variação do nível de ocupação, por sexo, segundo posição na ocupação**  
**Região Metropolitana de São Paulo – 2014/2015**

Posição na ocupação	Em porcentagem	
	Mulheres	Homens
<b>Total</b>	<b>-0,8</b>	<b>-1,9</b>
Total de assalariados (1)	-0,8	-2,4
Setor privado	-0,6	-3,3
Com carteira assinada	0,4	-1,6
Sem carteira assinada	-7,9	-12,8
Setor público (2)	-2,7	7,3
Autônomos	7,9	-1,9
Empregados domésticos	-5,1	-
Mensalistas	-6,7	-
Diaristas	-2,5	-
Demais posições (3)	-6,9	1,8

*Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED)*

*Nota: (1) Exclui os empregados domésticos e inclui aqueles que não informaram o segmento em que trabalham*

*(2) Inclui os estatutários e celetistas que trabalham em instituições públicas (governos municipal, estadual, federal, empresa de economia mista, autarquia, fundação, etc.)*

*(3) Incluem empregadores, profissionais universitários autônomos, donos de negócio familiar, trabalhadores familiares sem remuneração e outras posições ocupacionais*

Como consequência desse desempenho, elevou-se a proporção de assalariadas no setor privado com carteira de trabalho assinada (de 51,1%, em 2014, para 51,7%, em 2015) e de autônomas (de 11,3% para 12,3%) (Tabela 4).

Pode-se afirmar que a proporção de mulheres em ocupações formalizadas permaneceu praticamente estável (aumentou 0,4 p.p.), ao se considerar o assalariamento privado com carteira assinada e o público. Entre os homens essa proporção apresentou ligeira elevação (0,7 p.p.).

Destaque-se que a proporção das empregadas domésticas no total das ocupações femininas diminuiu de 13,7% para 13,1%, entre 2014 e 2015, menor parcela da série da pesquisa, repetindo comportamento verificado na última década, em que a maior e mais diversificada oferta de trabalho, fez com que as mulheres tendessem a se ocupar em atividades de maior prestígio e em setores mais estruturados, permanecendo nos serviços domésticos, principalmente, aquelas nas faixas etárias mais elevadas e com menor escolaridade.

**TABELA 4**  
**Distribuição dos ocupados, por sexo, segundo posição na ocupação**  
**Região Metropolitana de São Paulo – 2014-2015**

Posição na ocupação	Em porcentagem			
	Mulheres		Homens	
	2014	2015	2014	2015
<b>TOTAL</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Total de assalariados (1)	68,9	68,9	72,9	72,6
Setor privado	58,2	58,3	67,5	66,6
Com carteira assinada	51,1	51,7	57,5	57,7
Sem carteira assinada	7,1	6,6	10,0	8,9
Setor público (2)	10,8	10,6	5,4	5,9
Autônomos	11,3	12,3	18,8	18,8
Empregados domésticos	13,7	13,1	0,4	(4)
Mensalistas	8,4	7,9	(4)	(4)
Diaristas	5,3	5,2	(4)	(4)
Demais posições (3)	6,1	5,7	7,9	8,2

*Fonte: Secretaria de Planejamento Gestão. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED)*

*Nota: (1) Exclui os empregados domésticos e inclui aqueles que não informaram o segmento em que trabalham  
(2) Inclui os estatutários e celetistas que trabalham em instituições públicas (governos municipal, estadual, federal, empresa de economia mista, autarquia, fundação, etc.)*

*(3) Incluem empregadores, profissionais universitários autônomos, donos de negócio familiar, trabalhadores familiares sem remuneração e outras posições ocupacionais*

*(4) A amostra não comporta desagregação para esta categoria*

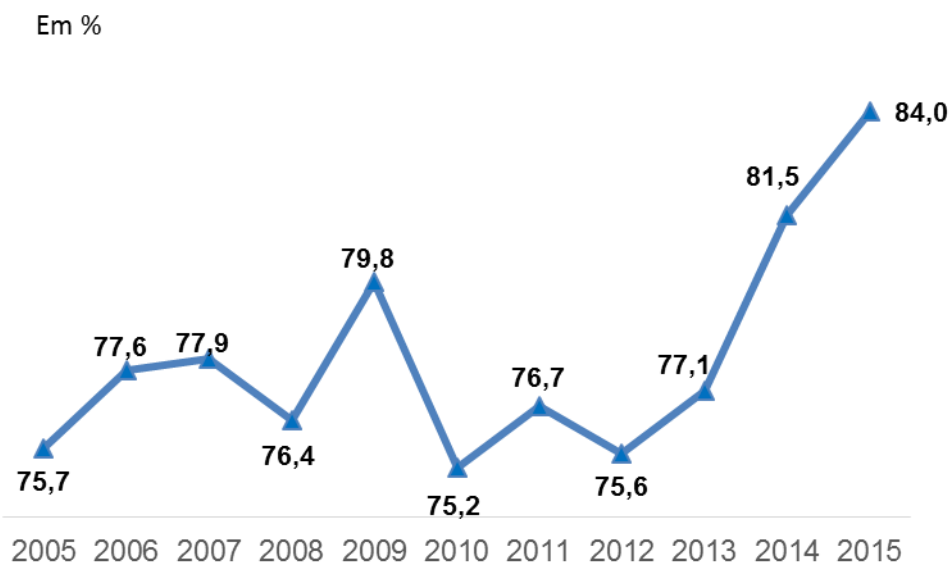
Entre 2014 e 2015, mulheres e homens, de forma geral, permaneceram mais tempo em seus trabalhos, uma vez que o tempo médio de permanência dos assalariados no posto de trabalho atual ampliou-se em um mês para as mulheres e em quatro meses para os homens, passando para 60 e 67 meses, respectivamente. Destaque-se que entre os homens esse é o maior crescimento de tempo de permanência no posto de trabalho atual desde 1998.

## Rendimento por hora feminino diminui em menor intensidade que o dos homens e passa a equivaler a 84,0% do masculino

Em 2015, o rendimento médio real<sup>2</sup> das mulheres ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo equivalia a R\$ 1.667, enquanto o dos homens a R\$ 2.245. Entretanto, como a jornada semanal média de trabalho dos homens (43 horas) é maior do que a das mulheres (38 horas), o rendimento médio real por hora torna-se a medida mais apropriada para comparar esses segmentos.

O rendimento médio real por hora para as mulheres diminuiu 6,0%, interrompendo crescimento registrado nos últimos seis anos, passando a corresponder a R\$ 10,25, em 2015, enquanto para os homens passou a equivaler a R\$ 12,20, com retração mais intensa (-8,8%) do que a das mulheres. Essa variação diferenciada dos rendimentos repete a aproximação já observada no ano anterior quando as mulheres recebiam 81,5% do valor por hora auferido pelos homens, proporção que passou para inéditos 84,0%, em 2015 (Gráfico 5).

**GRÁFICO 5**  
**Relação entre o rendimento médio real por hora de mulheres e homens ocupados (1)**  
**Região Metropolitana de São Paulo – 2005-2015**



Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED)

Nota: (1) Inflator utilizado: ICV do Dieese

<sup>2</sup> Os dados de rendimentos de 2015 referem-se ao período de dezembro de 2014 a novembro de 2015.

A retração do rendimento médio por hora das mulheres (Tabela 5), entre 2014 e 2015, refletiu o decréscimo desse indicador em todos os setores de atividade econômica analisados: -5,7% no Comércio; Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas; -5,1% nos Serviços; e -4,9% na Indústria. O maior rendimento por hora pago, em 2015, foi verificado nos Serviços (R\$ 10,87), seguido pela Indústria (R\$ 9,62) e o Comércio (R\$ 7,64).

No setor de Serviços, houve diminuição em praticamente todos os ramos de atividade, com exceção no de serviços domésticos, que registrou aumento (4,6%, passando a equivaler R\$ 8,01). Vale ressaltar que o ramo que melhor remunera mulheres e homens – informação e comunicação; atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; atividades profissionais científicas e técnicas – foi o que registrou maior retração entre as primeiras (-11,7%, passando a equivaler a R\$ 16,48).

Entre os homens, a diminuição do rendimento médio real por hora ocorreu em todos os setores analisados: -11,6% no Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas; -8,6% nos Serviços; -5,4% na Construção; e -2,2% na Indústria, notadamente na metal-mecânica (-7,1%).

O ritmo distinto na evolução dos rendimentos médios por hora nos setores de atividade para mulheres e homens fez com que a diferença entre os dois aumentasse na Indústria e diminuísse no Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas e nos Serviços. Na Indústria de Transformação, o rendimento médio por hora das mulheres, que em 2014 correspondia a 75,3% do masculino, passou a equivaler a 73,2%, em 2015. No Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas, essa relação aproximou os respectivos rendimentos de 79,1% para 84,4% e, nos Serviços, passou de 75,5% para 78,4%, no mesmo período.

**TABELA 5**  
**Rendimento médio real por hora dos ocupados (1) no trabalho principal, por sexo,**  
**segundo setores de atividade econômica**  
**Região Metropolitana de São Paulo – 2014-2015**

Setores de atividade	Rendimento médio real por hora (2)				Variação 2015/2014 (%)		Rendimento das mulheres em relação ao dos homens (%)	
	Mulheres		Homens		Mulheres	Homens	2014	2015
	2014	2015	2014	2015				
<b>Total de ocupados (3)</b>	<b>10,90</b>	<b>10,25</b>	<b>13,38</b>	<b>12,20</b>	<b>-6,0</b>	<b>-8,8</b>	<b>81,5</b>	<b>84,0</b>
Indústria de Transformação (4)	10,12	9,62	13,44	13,15	-4,9	-2,2	75,3	73,2
Construção (6)	(15)	(15)	11,49	10,87	-	-5,4	-	-
Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas (7)	8,10	7,64	10,24	9,05	-5,7	-11,6	79,1	84,4
Serviços (8)	11,46	10,87	15,18	13,87	-5,1	-8,6	75,5	78,4
Transporte, armazenagem e Correio (9)	(15)	(15)	11,79	11,13	-	-5,6	-	-
Informação e comunicação; atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; atividades profissionais, científicas e técnicas (10)	18,67	16,48	26,17	23,07	-11,7	-11,8	71,3	71,4
Atividades administrativas e serviços complementares (11)	7,56	7,46	9,12	8,92	-1,3	-2,2	82,9	83,6
Administração pública, defesa e seguridade social; educação, saúde humana e serviços sociais (12)	14,56	14,18	22,45	19,60	-2,6	-12,7	64,9	72,3
Alojamento e alimentação; outras atividades de serviços; artes, cultura, esporte e recreação (13)	7,83	7,67	10,32	9,13	-2,0	-11,5	75,9	84,0
Serviços domésticos (14)	7,66	8,01	(15)	(15)	4,6	-	-	-

Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED)

Nota: (1) Exclui os assalariados e os empregados domésticos mensalistas que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício. Exclui os que não trabalharam na semana

(2) Inflator utilizado: ICV-Dieese/SP. Em reais de novembro de 2015

(3) Inclui agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (Seção A); indústrias extrativas (Seção B); eletricidade e gás (Seção D); água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação (Seção E); organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais (Seção U); atividades mal definidas (Seção V). As seções mencionadas referem-se à CNAE 2.0 domiciliar

(4) Seção C da CNAE 2.0 domiciliar

(5) Divisões 24, 25, 26, 27, 28, 29 da CNAE 2.0 domiciliar

(6) Seção F da CNAE 2.0 domiciliar

(7) Seção G da CNAE 2.0 domiciliar

(8) Inclui atividades imobiliárias (Seção L da CNAE 2.0 domiciliar)

(9) Seção H da CNAE 2.0 domiciliar

(10) Seções J, K, M da CNAE 2.0 domiciliar

(11) Seção N da CNAE 2.0 domiciliar

(12) Seções O, P, Q da CNAE 2.0 domiciliar

(13) Seções I, S, R da CNAE 2.0 domiciliar

(14) Seção T da CNAE 2.0 domiciliar

(15) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Obs.: A captação da CNAE 2.0 domiciliar na PED iniciou-se em novembro de 2010. Vide nota técnica nº 12

Em 2015, nos Serviços, a menor diferença de rendimento médio por hora entre mulheres e homens encontra-se nas atividades de alojamento e alimentação; outras atividades de serviços; artes, cultura, esporte e recreação. Já a maior distância ocorre na informação e comunicação; atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; atividades profissionais, científicas e técnicas.

Por posição na ocupação, a retração do rendimento médio real por hora das mulheres refletiu a diminuição do valor recebido entre as assalariadas do setor privado com carteira de trabalho assinada e do setor público, uma vez que entre as assalariadas do setor privado sem carteira ocorreu aumento. Entre as autônomas, também registrou-se

decrécimo. Já para as empregadas domésticas, houve aumento, principalmente entre as diaristas (Tabela 6).

Para os homens, o rendimento médio por hora reduziu-se em todas as posições na ocupação, principalmente entre os empregadores e autônomos.

**TABELA 6**  
**Rendimento médio real por hora dos ocupados (1) no trabalho principal e variação, por sexo, segundo posição na ocupação**  
**Região Metropolitana de São Paulo – 2014-2015**

Posição na ocupação	Rendimento médio real por hora (2)				Variação 2015/2014 (%)		Rendimento das mulheres em relação ao dos homens (%)	
	Mulheres		Homens		Mulheres	Homens	2014	2015
	2014	2015	2014	2015				
<b>TOTAL</b>	<b>10,90</b>	<b>10,25</b>	<b>13,38</b>	<b>12,20</b>	<b>-6,0</b>	<b>-8,8</b>	<b>81,5</b>	<b>84,0</b>
Total de assalariados (3)	11,14	10,43	12,68	12,06	-6,4	-4,9	87,9	86,5
Setor privado	9,90	9,43	12,04	11,14	-4,7	-7,5	82,2	84,6
Com carteira assinada	10,25	9,45	12,45	11,47	-7,8	-7,9	82,3	82,4
Sem carteira assinada	7,85	8,01	9,77	9,33	2,0	-4,5	80,3	85,9
Setor público	18,37	18,15	22,99	21,39	-1,2	-7,0	79,9	84,9
Autônomos	7,78	7,51	11,74	10,68	-3,5	-9,0	66,3	70,3
Trabalham para o público	6,78	6,56	10,72	9,67	-3,2	-9,8	63,2	67,8
Trabalham para empresa	9,31	9,21	13,52	12,59	-1,1	-6,9	68,9	73,2
Empregadores	(5)	(5)	29,00	24,78	-	-14,6	-	-
Empregados domésticos	7,66	8,01	(5)	(5)	4,6	-	-	-
Mensalistas	7,06	7,23	(5)	(5)	2,4	-	-	-
Diaristas	9,52	10,00	(5)	(5)	5,0	-	-	-
Demais posições (4)	(5)	(5)	18,63	17,48	-	-6,2	-	-

Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED)

Nota: (1) Exclui os assalariados e os empregados domésticos mensalistas que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício. Exclui os que não trabalharam na semana

(2) Inflator utilizado: ICV-Dieese/SP. Em reais de novembro de 2015

(3) Inclui aqueles que não informaram o segmento em que trabalham

(4) Incluem profissionais universitários autônomos, donos de negócio familiar, etc

(5) A amostra não comporta desagregação para a categoria